

Relato de experiência: O Ensino de Artes Visuais como ferramenta anticapacitista

Evelyn Caroline Nascimento Lavor ¹
Bruna Mesquita Gati ²

RESUMO

Um dos maiores desafios dos professores é adaptar suas práticas pedagógicas para garantir a inclusão genuína de crianças neurodivergentes. Compreender e acolher as diferenças é fundamental nesse processo. No Colégio Pedro II, o currículo dos Anos Iniciais do Departamento de Artes Visuais é comprometido com a diversidade e a inclusão, adotando uma perspectiva decolonial, não hierárquica e plural. Acreditamos que é essencial que os estudantes tenham acesso a um ensino de arte que gere identificação e reconhecimento. Foi com isso em mente que, no Campus de São Cristóvão I, iniciamos o ano letivo com a proposta de apresentar aos estudantes do Fundamental I artistas neurodivergentes. O planejamento envolveu uma pesquisa sobre os artistas Vincent Van Gogh, Frida Kahlo, Panmela Castro, Yayoi Kusama, Yinka Shonibare e Bispo do Rosário, realizada junto aos estudantes de Licenciatura em Artes Visuais da UFRJ que integram o PIBID, e resultou em planejamentos coletivos, cujo principal objetivo era combater o preconceito em torno das crianças neuroatípicas, romper estereótipos e promover uma cultura de respeito na escola.

Palavras-chave: Artes Visuais, educação anticapacitista, Anos Iniciais.

A partir da Declaração de Salamanca, nos anos 90, iniciou-se o movimento de inclusão escolar, tanto nacional quanto internacionalmente, como novo paradigma educacional que reconhece o direito de todas as crianças à educação. Porém, a expansão de matrículas de alunos com deficiência no ensino regular, impulsionada pelas políticas públicas e pela municipalização do ensino fundamental, não garante por si só o sucesso da inclusão. Pesquisas, como a citada por Mendes (2006, p. 401), mostravam que no início do novo milênio ainda existiam deficiências na infraestrutura e nos recursos necessários para a permanência e o pleno sucesso desses estudantes em classes comuns. Tivemos poucos avanços desde então.

De todo modo, tal garantia representa um avanço significativo, uma vez que, historicamente, esses estudantes foram predominantemente excluídos do sistema de ensino

¹ Mestre pelo Curso de História e Crítica da Arte da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, professora de Artes Visuais do Colégio Pedro II e supervisora do PIBID evelyncnl@hotmail.com;

² Graduada pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, e bolsista do PIBID brunamesquitagati@gmail.com;





convencional, encaminhados a escolas especiais ou restritos ao atendimento clínico. A diversidade nas escolas brasileiras foi, portanto, intensificada pelo movimento, e cabe ressaltar os benefícios, para alunos PCDs ou não, da convivência com uma turma heterogênea. A troca de conhecimento em um ambiente heterogêneo estimula a criatividade, a capacidade de resolver problemas e ensina a valorizar as individualidades.

Em 2025, o Colégio Pedro II, que já adotava cotas raciais e sociais, implementou cotas para estudantes com deficiência (PCD), incluindo-os no sorteio de vagas para os anos iniciais. Essa medida gerou um aumento considerável de alunos PCD, especialmente no Ensino Fundamental.

Embora o Colégio Pedro II possua o NAPNE para dar suporte a alunos com necessidades específicas, a quantidade de profissionais e a estrutura disponível tem se mostrado insuficientes para atender todas as demandas, especialmente em um contexto de aumento de matrículas via cotas.

A partir desse contexto inclusivo, muitos desafios se apresentam para a prática docente, como por exemplo a adaptação das práticas pedagógicas para assegurar a inclusão genuína de crianças neurodivergentes. atenção especial para o atendimento das especificidades de cada aluno no campo da linguagem, motricidade, mobilidade, acesso ao conhecimento e produção artística. Políticas afirmativas são necessárias, mas a escola também precisa de profissionais suficientes e qualificados para o suporte especializado em sala de aula. Em contextos de crise ou quando o professor precisa de uma intervenção mais específica, o apoio de cuidadores, mediadores e profissionais como terapeutas ocupacionais, psicólogos e fonoaudiólogos se torna indispensável. A rede pública deve garantir o acesso a esses especialistas para dar o suporte necessário ao professor e ao aluno, ou essa inclusão não será efetiva.

No Colégio Pedro II, o currículo dos Anos Iniciais do Departamento de Artes Visuais é comprometido com a diversidade e a inclusão, adotando uma perspectiva decolonial, não hierárquica e plural. Acreditamos que é essencial que os estudantes tenham acesso a um ensino de arte que gere identificação e reconhecimento. Foi com isso em mente que, no Campus de São Cristóvão I, iniciamos o ano letivo com a escolha de um tema geral para ser trabalhado de forma transversal por todas as disciplinas. O tema escolhido foi “PELE (presença, escuta, laços e experiência): a escola enquanto espaço inclusivo”. “Pele” é o nome de um poema que trata sobre as mais diversas marcas que adquirimos em nossa pele ao





longo de nossas vidas. Essas marcas podem ser físicas, mas também invisíveis, e podem estar relacionadas tanto a experiências individuais quanto coletivas. Pensar na pluralidade dessas vivências nos remete à importância da escuta do outro, do estabelecimento de laços e da compreensão de que existem variadas formas de estar no mundo.

Para além de apresentar artistas de diversas etnias e gêneros, e de abordar temas sociais, raciais e de gênero, compreendemos que é igualmente fundamental garantir que crianças neurodivergentes também se sintam representadas.

Atualmente, o Campus São Cristóvão I do Colégio Pedro II atende 178 estudantes por meio do NAPNE (Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas), com o apoio de um número limitado de cuidadoras. Siglas como TEA, TDAH, TOD, TDI e TAG fazem parte da rotina dos professores, que precisam conhecer os diagnósticos, interpretar laudos e observar as dificuldades de cada estudante para realizar as necessárias adaptações curriculares e de material. Cabe ressaltar que a maior parte dos cursos de Licenciatura não prepara os professores para atuar com estudantes neurodivergentes, que necessitam não apenas de um currículo adaptado, mas também de apoio para se autorregular. Como nem sempre é possível contar com a presença de uma cuidadora em sala de aula, o professor também precisa saber como agir em situações de crise.

Nesse contexto, os estudantes que participam do programa de Iniciação à Docência têm uma oportunidade valiosa que a maioria dos professores atuais não teve: a de acompanhar o processo de ensino-aprendizagem de estudantes neurodivergentes e participar ativamente dos planejamentos.

Os bolsistas do PIBID, estudantes de Licenciatura em Artes Visuais da UFRJ que acompanham turmas do Ensino Fundamental I no Colégio Pedro II, foram convidados a pesquisar sobre artistas neurodivergentes e Pessoas com Deficiência (PCD). O objetivo era que o planejamento das atividades fosse construído em conjunto para combater o preconceito contra crianças neuroatípicas, romper estereótipos e promover uma cultura de respeito. Os artistas que os estudantes escolheram pesquisar foram: Frida Kahlo, Vincent Van Gogh, Panmela Castro, Yayoi Kusama, Yinka Shonibare e Bispo do Rosário.



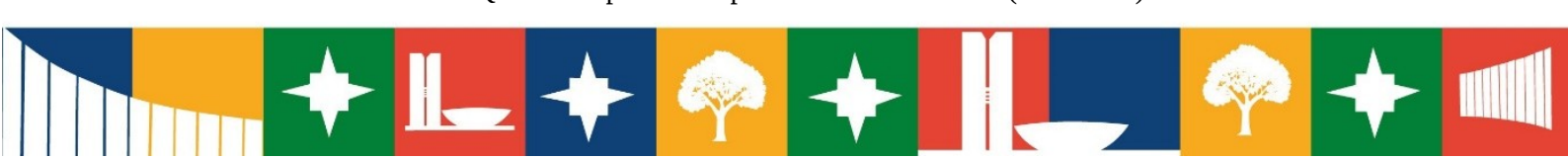
Para introduzir o tema da neurodiversidade, foi proposta às turmas do 4º ano a construção de uma história em quadrinhos. Os estudantes foram apresentados às tirinhas “Amigos da Lis”, da quadrinista Rose Araújo, que aborda temas importantes e sensíveis com delicadeza,

por meio de um grupo de amigos que conversam sobre respeito às diferenças, o valor das amizades, solidão e diversos tipos de preconceito. A artista, que já havia realizado uma exposição no Espaço Cultural do colégio e participado de uma roda de conversa com os estudantes, criou seus personagens com diferentes tons de pele, mas geometrizados e sem rosto, o que facilita a identificação do público leitor. Inicialmente, as tirinhas foram lidas e, em seguida, encenadas em duplas pelos estudantes. Após conversas sobre as diferentes maneiras de ser, pensar, aprender e se expressar, a atividade culminou na criação de personagens e histórias próprias com o tema “**Diversidade e Inclusão**”.

Os estudantes demonstraram perceber a relevância do tema e sugeriram ações individuais e coletivas para a inclusão de colegas cadeirantes e neurodivergentes nas brincadeiras no horário do recreio, por exemplo.



Quadrinho produzido pelo estudante Gustavo (turma 402)



O artista Yinka Shonibare (1962-), que tem como marca registrada o uso do tecido Ankara, foi apresentado aos estudantes do 3º ano. Em suas obras, o artista explora a identidade cultural, o colonialismo e o pós-colonialismo, examinando, em particular, a construção da identidade e a intrincada inter-relação entre a África e a Europa, bem como suas respectivas histórias econômicas e políticas. Aos 18 anos, Yinka contraiu mielite transversa, que deixou um lado de seu corpo paralisado. A inspiração para a proposta de atividade dos estudantes surgiu a partir das estampas coloridas do Ankara. Os estudantes experimentaram o processo de estamparia utilizando tecido de algodão, lixa e giz de cera.



Processo de estamparia realizado pelo estudante Joaquim (turma 301)

A partir da obra da artista japonesa Yayoi Kusama (1929–), os estudantes do 4º ano foram desafiados a explorar elementos tridimensionais, utilizando papéis coloridos para criar suas próprias peças. A produção de Kusama, que abrange pinturas, esculturas, performances e instalações, é notável por sua obsessão por bolas e pontos. Os padrões



repetitivos, presentes em sua arte, são uma forma de expressar seus sentimentos de ansiedade e compulsão.



Trabalhos realizados por alunos da turma 408

Bruna Gati, bolsista que acompanhou a turma e se envolveu diretamente nas pesquisas, ficou positivamente surpresa com o envolvimento dos alunos e com os comentários feitos por eles durante a roda de conversa sobre neurodivergência. Sua pesquisa também se aprofundou na trajetória da artista carioca Panmela Castro, que está no espectro autista. Bruna relatou que, apesar de já conhecer o trabalho da artista, a pesquisa a fez refletir sobre a neurodiversidade não como uma limitação, mas como um lugar de diferença, autenticidade e potência. O trabalho comprometido, inquietante e questionador de Panmela Castro ilustra como a arte pode ser uma ferramenta sensível e eficaz para promover o respeito e a inclusão no ambiente escolar.

Compreendemos que para uma ação inclusiva ser realmente eficiente ela deve envolver toda a comunidade escolar, por isso, em comemoração ao Dia Nacional de Luta da Pessoa





com Deficiência, celebrado no dia 21 de setembro, o Campus São Cristóvão I promoveu um sábado letivo aberto às famílias, com o objetivo de conscientizar a todos dessa data que é um importante marco da visibilidade e da garantia dos direitos das pessoas com deficiência.

A equipe de Artes Visuais ofereceu uma oficina com inspiração no trabalho da educadora e ativista norte-americana Jessica White-Johnson. Bacharelada em Artes Visuais e Mestre em Design Gráfico, seu trabalho explora a invisibilidade e o apagamento de pessoas negras com deficiência. Mulher negra e mãe de uma criança autista, a artista utiliza a fotografia e o design para questionar a cultura visual capacitista e dar visibilidade às pessoas marginalizadas. Seu trabalho mais conhecido é o símbolo de luta das pessoas negras com deficiência: Black disabled lives matter.

Os estudantes e suas famílias foram fotografados com uma câmera, e depois recortaram em papéis coloridos formas figurativas e abstratas, orgânicas e geométricas, para interferir na fotografia e criar uma composição inspirada nas criações da artista.





Símbolo criado pela artista Jessica White-Johson





Trabalhos realizados durante o sábado letivo do NAPNE





Com o intuito de expandir o alcance e democratizar o acesso à produção dos estudantes, a equipe de Artes Visuais realizou uma exposição virtual no Instagram (@artesvisuaispedrinhosc1). A escolha por este formato estratégico visa destacar a potencialidade inerente às múltiplas formas de expressão e às diversas experiências de vida exploradas durante o ano letivo.

A arte tem um papel fundamental na formação do indivíduo e pode ser uma ferramenta poderosa para questionar estereótipos e preconceitos, promovendo a reflexão sobre as diferenças como algo natural e próprio ao ser humano. Compreender que a produção artística não é exclusiva para corpos e mentes considerados “padrão” é um dos caminhos para a construção de uma comunidade escolar mais acolhedora e respeitosa com os diversos modos de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

REILY, Lúcia. *Escola e diversidade: pensar a inclusão e o ensino da arte*. In: Marinho, J. M. (Org.). *Educação e diversidade cultural: o desafio da inclusão*. São Paulo: Cortez, 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

MENDES, Rodrigo Hübner; CAVALHEIRO, José; GITAHY, Ana Maria. *Artes Visuais na Educação Inclusiva: metodologias e práticas do Instituto Rodrigo Mendes*. Editora Peirópolis, 2016.

MENDES, E.G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 387-405, 2006.

UNESCO. *A Declaração de Salamanca e a Estrutura de Ação em Educação Especial*. Genebra: UNESCO, 1994.

KITAYAMA, Kenji. *O infraínfimo em excesso, ou uma pluralização do espaço cotidiano. Três tentativas, três artistas japoneses: Yayoi Kusama, Chiharu Shiota e Masaharu Sato*. *Revista VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, [S. l.]*, v. 16, n. 1, p. 167–205, 2017. DOI: 10.26512/vis.v16i1.20481. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/20481>. Acesso em: 20 out. 2025.

<https://www.panmelacastro.com/>. Acesso em 04 jun. 2025.

<https://yinkashonibare.com/>. Acesso em 15 jun. 2025.

<https://yayoi-kusama.jp/e/information/> Acesso em 20 abril. 2025.

